

SEMANA DO FOLCLORE E EXPERIÊNCIAS: NOTAS SOBRE UM FAZER DOCENTE EM DANÇA AFRO

RODRIGO LEMOS SOARES¹;
NAIANE RIBEIRO²;
THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹Universidade Federal de Pelotas – guidodanca@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – naiahrb@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho configura-se como um relato de experiência sobre a oficina de Danças Afro ministrada durante a Semana do Folclore, do ano de 2018 para o grupo de discentes ingressantes, no primeiro semestre, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A Semana do Folclore, é promovida pelo projeto de extensão Núcleo de Folclore da UFPEL (NUFOLK) que integra as atividades do Grupo de Pesquisa Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA – UFPEL/ CNPq) ação que acontece anualmente desde o ano de 2012, que especificamente em 2018 ocorreu entre os dias 20 e 24 de agosto. O evento, tem como objetivo a criação de possibilidades de partilhamento e potencialização de conhecimentos sobre o Folclore e a Cultura Popular para os(as) acadêmicos(as) da Universidade, escolas públicas e comunidade em geral.

Neste trabalho abordamos o processo de criação e desenvolvimento sobre uma das diversas atividades que foram realizadas durante os 4 dias de evento, onde entendemos que a mesma serviu de grande aporte para nosso progresso enquanto futuros docentes, uma vez que a escolha em trabalhar as Danças de Matriz Africana dentro da sala da aula, é uma forma de fomentar a memória e uma noção de ancestralidade de corpos que foram silenciados durante muitas décadas. Além disso, ao vivenciar este processo de ensino, por meio das danças, em específico, as de matriz Africana, colocamo-nos em diálogo com a Lei 10.639/03, a qual versa dentre outros pontos, sobre o ensino das culturas afro na escola, locus da nossa formação inicial.

2. METODOLOGIA

A atividade ocorreu no dia 20 de agosto de 2018, no Centro de Artes da UFPEL, no turno da noite. Os(As) discentes do primeiro semestre do curso de Pedagogia, estavam na sua semana inicial, de aula e a oficina serviu como uma forma de acolhida e apresentação entre cursos, visto que os(as) ministrantes da oficina, são acadêmicos(as) do curso de Dança-Licenciatura.

A escolha do tema para tal ação, decorreu-se por conta de entendermos a necessidade que há de abordar questões étnicas e de Cultura Popular, em sala de aula. Para além disso, como uma possibilidade de compartilhar algumas formas de entender e instigar os corpos tão diferentes que encontramos em nosso processo da docência. Outro fator que também influenciou para que este movimento ocorresse, é de que os(as) ministrantes já trabalham com as Danças de Matriz Africana e entendem esta vertente como uma forma legítima e de incentivo ao trabalho dentro da rede escolar, visto que segundo a Lei 10.639/03, é necessário que os(as) professores(as) entendam a importância que há em legitimar e valorizar a cultura e a história negra em um país tão miscigenado e de raízes e heranças de etnias africanas fortemente registradas em diferentes manifestações culturais. Em outras palavras, utilizamos Veiga-Neto (2002) para dizer que se

trata de uma questão de olhar, pois, “[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui. São os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo” (VEIGA – NETO, 2002, p. 30). Os problemas não estão desde sempre aí, dados e naturalizados, somos nós quem tornamos algo em problema (VEIGA – NETO, 2002). Ou, mais que isso, ao percebemos algo, enquanto problema, precisamos agir sobre/ com e, a partir dele, propiciando uma ação docente de mediação de saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Recorremos a Miranda (2014) ao escrever que ao tratarmos de danças com origens e/ou vertentes africanas estamos operando com uma noção específica de corpos-territórios, os quais implicam em um duplo sentido, são eles: o de territorialização e o de desterritorialização, pois, estas manifestações estão ocorrendo fora de seu lugar de origem. Para, além disso, este mesmo autor destaca que não existe dança afro que não trate em algum ponto de identidade, ou mais especificamente, de hibrididades, visto que, estas manifestações culturais solicitam, pelo menos, uma forma de encontro e, mesmo, (re)encontro com noções de ancestralidade e, assim, com identidades que por ora passam a ser nossas, em diálogos com as que apresentamos na contemporaneidade. Assim, operamos, também, com a orientação de denominar estas atividades como danças afro, no plural, tendo em vista, a multiplicidade de origens, contextos e abordagens que são e podem ser conferidas a elas. Miranda (2014) ainda expõe que, estas danças não encerram ou classificam um sujeito como adepto de um estilo, mas sim, como um(a) mantenedor(a) de elementos culturais de um lugar específico, no caso destas danças, de ancestralidades acionadas, a partir de processos culturais distintos (MIRANDA, 2014, p. 159).

Desse modo, assim como as demais manifestações culturais abarcadas em solo brasileiro, as danças desenvolvidas ou executadas sob as nomenclaturas: afro; afro-brasileiras, afro-contemporâneas e afins, apresentam caracteres referentes, em princípio, para entidades daquele local, ainda que seja necessário lembrar que África não é um país, mas sim um continente que possui distintas marcas culturais, às quais, abarcam às danças. Este destaque, não busca engessar, mas, ampliar as compreensões acerca dos cultos e danças, aqui praticados, a partir das múltiplas manifestações de dança, música, vestimentas e mesmo ritos. Para Miranda (2014) dançar, a partir da religiosidade da matriz/vertente africana

[...] solicita ações corporais que transmudem o óbvio e assumam formas circulares e tenha o chão/solo como ingrediente somatório na composição das danças. O contato com o chão é tão importante para a cultura afro-brasileira que podemos visualizar nos traços gráficos os pés descalços, pois as energias advindas do solo são relevantes para a realimentação do axé (MIRANDA, 2014, p. 148).

Encontram-se, neste excerto, pelo menos, duas das características da cultura afro, a da ritualidade dos pés no chão¹ e, no mínimo, uma presença das corporalidades africanas. Arriscamo-nos a dizer que as expressões da cultura corporal das danças afro-brasileiras são um exemplo de vivência das corporeidades africanas, que por meio das manifestações dançadas permitem

¹ Ainda que tenha conferido este destaque, precisamos escrever sobre as possibilidades de se encontrar em terreiros, sujeitos que incorporam entidades tanto com os pés calçados, como, por exemplo, usando sapatos, sapatilhas, entre outros.

uma reiteração de processos culturais que aproximam o continente africano do Brasil, além de, possibilitar distintas pedagogias, dentre elas, as dos saberes populares, ou como neste caso, do folclore. Em Santin (2003), podemos perceber que a corporeidade e os estudos do corpo, pela Antropologia, abrangem toda a ação humana, da qual, “[...] o gesto e a palavra são os amplificadores do universo significativo, isto é, do universo humano. O corpo e seus movimentos estão sempre no centro de toda e qualquer manifestação e possibilidade expressiva” (SANTIN, 2003, p. 68) e, desse modo, dançar, pensando em modos de problematizarmos a educação coloca-se como um artefato educacional potente para debatermos noções de raça, etnia, pertencimento, ancestralidade e, acima de tudo, movimento e identidades.

4. CONCLUSÕES

Escrever sobre essa experiência de ensino com as danças afro permitiu-nos compreender que por entre elas, temos múltiplas redes de saber-poder que engendram saberes relacionados às manifestações culturais, especificamente, acerca das religiosidades. Foi possível compreender que as danças apontam para modos de contar e recontar as mitologias africanas. As danças correspondem aos fazeres mítico-ritualísticos, transpostos em gestos e expressões que conduzem tanto aqueles(as) que dançam, quanto os(as) que assistem a uma experiência que possui distintos significados, variando a produção de sentidos de um sujeito para outro. O gestual possui significados que ora simbolizam alegrias, ora identidades e, também, momentos de insatisfação ou de batalha, pois pela sacralização do gesto. As simbologias representam forças da natureza, híbridos entre animais e humanos, compondo mimeticamente expressões que variam desde olhares, chegando a passos que contemplam simbologias que dialogam com manifestações culturais brasileiras.



FONTE: Momentos da oficina. Acervo pessoal dos autores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **LEI 10.639** - de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 28 de jul. de 2018.

MIRANDA, E. O. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral**: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. Feira de Santana, 2014. 168 f. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/97?locale=pt_BR> Acesso em: 28 de jul. de 2018.

SANTIM, S. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

VEIGA – NETO, A. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber. [Org.]. **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em Educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp. 23-38.